



## **Apresentação**

### **Dossiê História e Filosofia: elos e confrontos entre genealogia e hermenêutica na historiografia**

Em seu segundo número, a revista Faces da História apresenta o dossiê História e Filosofia: elos e confrontos entre genealogia e hermenêutica.

As interfaces entre história e filosofia sempre se deram de forma mista: por vezes com importantes e produtivas interações; em outros momentos, todavia, uma surdez mútua ou mesmo rejeições caracterizaram esse difícil convívio.

Na historiografia contemporânea, dois importantes filósofos contribuem para a emergência de novas formas de diálogo entre os profissionais de ambas as disciplinas: Michel Foucault e Paul Ricoeur. A genealogia foucaultiana e a hermenêutica ricoeuriana constituem hoje importantes referenciais aos historiadores que se dedicam a uma reflexão crítica dos fundamentos históricos, epistemológicos, políticos e éticos que envolvem a produção e a recepção de um texto historiográfico.

Os trabalhos desenvolvidos por Michel Foucault buscaram, na esteira da genealogia nietzscheana, descrever as relações históricas entre saber e poder. Sua relação com os historiadores inicia-se desde a publicação de seu primeiro livro, História da Loucura na idade clássica, que, um ano após sua publicação, em 1962, recebeu uma resenha junto ao periódico então intitulado *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, assinada por Robert Mandrou e Fernand Braudel. Esta relação se intensificou, principalmente, após a década de 1970, com a chamada terceira geração dos *Annales*. Se, por um lado, historiadores como Jacques Le Goff e Paul Veyne procuraram exaltar os textos de Foucault como um novo modo de pensar e escrever a história, por outro, historiadores como François Dosse e Carlo Ginzburg, por exemplo, não pouparam críticas às suas arqueologias e genealogias, sublinhando que elas possuíam caráter profuso e estetizante.

Ainda que a filosofia foucaultiana não tenha estabelecido bases teórico-metodológicas a serem seguidas, é inegável a presença desse pensamento permeando as discussões recentes tanto em torno do estatuto do saber historiográfico quanto contribuindo com problemas à prática de produção do conhecimento histórico; um uso como caixa de ferramentas, tal como o próprio Foucault propunha a leitura de seus trabalhos.

Quanto a Paul Ricoeur, após a publicação de *Tempo e Narrativa* (1983-1985) e, principalmente, após *A memória, a história, o esquecimento* (2000), sua filosofia tornou-se mais conhecida entre os historiadores, ainda que a apropriação desta pela história seja bastante variável. Autores como Roger Chartier, François

Hartog e Antoine Prost referem-se à filosofia ricoeuriana para debater questões ligadas às conexões e divergências entre memória e história, ao papel da narração em história, e para defender o discurso histórico enquanto produção que almeja a verdade, em oposição aos referentes ficcionais. Contudo, essa apropriação se dá ainda de forma parcial, cheia de reticências. Já outros historiadores como François Dosse, Patrick Garcia e Christian Delacroix concedem um espaço bem maior para a filosofia ricoeuriana: o pluralismo interpretativo, o círculo mimético e a hermenêutica histórica tornam-se referenciais em nível fundamental para a produção do conhecimento histórico com estes autores. As apropriações, críticas e dissociações entre a filosofia de Ricoeur e os historiadores são múltiplas e desiguais.

Genealogia e hermenêutica, portanto, tornam-se duas efêmeras rubricas. Elas cumprem o esforço de construir uma direção, ainda que provisória, a um conjunto de relações diversificadas entre a filosofia e a história. Relações estas que não se fiam somente nas figuras de Foucault e Ricoeur.

Poderíamos, diacronicamente, nos remeter também aos diálogos e críticas de Friedrich Nietzsche a Friedrich Schleiermacher, aos debates suscitados por Wilhelm Dilthey, à crítica documental da escola metódica, à sociologia de Max Weber, às leituras desiguais da obra de Martin Heidegger por Hans-Georg Gadamer e pelos próprios Michel Foucault e Paul Ricoeur, a filosofia de Gilles Deleuze; enfim, as ressonâncias entre genealogia, hermenêutica, História e Filosofia são inúmeras e fundamentais para a historiografia contemporânea.

Os quatro artigos reunidos neste dossiê, assim, demonstram o quão múltiplas são as temáticas e as abordagens possíveis.

De início, temos a contribuição de Fabrício Pinto Monteiro que, a partir das memórias de alguns autores/militantes do chamado anarquismo pós-estruturalista, procura pensar as interfaces entre propostas políticas e formas de escrita da história. Para isso, perpassa pelas narrativas de diversos autores - cuja orientação política se alinha a essa renovação da política ácrata emergente na segunda metade do século XX -, e destaca a importância que os pensamentos de Max Stirner, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault tiveram na constituição dos trabalhos desses intelectuais.

As relações entre a intelectualidade e a sociedade são o principal eixo da reflexão desenvolvida por Diogo Quirim. O autor propõe discutir o papel do intelectual a partir de uma perspectiva que não o aparte de sua imersão na sociedade e no tempo. O texto perfaz um duplo movimento: em primeiro lugar, o autor se debruça sobre o mito da caverna, de Platão, e sugere, como alternativa a esta imagem, a noção de kairós - oportunidade, ocasião ou circunstância particular -, de Isócrates, que propõe uma filosofia que não precisaria afastar-



se da multidão para ter sua legitimidade; em seguida, esse debate é atualizado em função das diferentes formas pelas quais Carlo Ginzburg e Dominick LaCapra compreendem a historiografia.

Lucas Almeida Pereira, em seu texto *O ser e a história: Uma análise da ontologia histórica em A memória, a história, o esquecimento* de Paul Ricoeur, trata de um tema essencial para a historiografia contemporânea: a ontologia histórica de Ricoeur. Os debates epistemológicos dos historiadores há muito contornam as questões ontológicas, seja em função do distanciamento que se estabeleceu entre história e filosofia ao longo do século passado, seja para evitar os conflitos relacionados às teorias da história. O autor aborda com bastante clareza os temas da memória, narrativa, ontologia e representância na filosofia de Ricoeur e apresenta as possibilidades abertas por esses debates aos historiadores de ofício.

O artigo intitulado *O Conceito Dialético de Interpretação na Filosofia Hermenêutica de Paul Ricoeur*, de Filipe Caldas O. Passos, organiza-se em torno da filosofia de Ricoeur e da forma como ela abre espaço para vários níveis de análise, diferenciando-se por isso tanto da tradição hermenêutica quanto da tradição crítica. Demonstra tal objetivo a partir de certo elo que Ricoeur estabelece entre epistemologia e ontologia, tendo como foco o conceito de interpretação e os níveis dialéticos relativos a essa operação.

Além desses quatro artigos, João Rodolfo Munhoz Ohara nos apresenta sua tradução ao texto *Tudo está estremecido: por que a filosofia da história floresce em tempos de crise?*, de Hermann Paul - professor de Teoria da História da Universidade de Leiden, Holanda.

Por fim, o dossiê encerra-se com a entrevista do professor Dr. José Carlos Reis. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais e com uma vasta contribuição bibliográfica às áreas de *Teoria e Filosofia da História* e *História da Historiografia*, Reis aborda o tema com o conhecimento de quem se dedica já há um bom à área. As questões abordadas são tratadas de forma franca e com a clareza que uma entrevista deve comportar. Sem dúvida uma contribuição impar para os estudantes e pesquisadores da área de Teoria e Filosofia da História.

Boa leitura!

Assis, 20 de dezembro de 2014

Editores:

**Hélio Rebello Cardoso Júnior**

**Rodrigo Bianchini Cracco**

**Tiago Viotto da Silva**

